

# A PARTICIPAÇÃO DO LICEU DE ARTES E OFÍCIOS DE PERNAMBUCO NA MODERNIZAÇÃO DA CIDADE DO RECIFE NO SÉCULO XX

Elicia Barros Guerra Souza <sup>1</sup>  
Izabel Adriana Gomes de Sena Simões <sup>2</sup>  
Charles Gomes Martins <sup>3</sup>  
Natália Gabriela da Silva <sup>4</sup>

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo compreender, a partir de um resgate histórico, a influência desta Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco na formação do Recife do século XX e a importância dessa instituição para a modernização da cidade. Como metodologia utilizamos a pesquisa qualitativa do tipo revisão de literatura na qual refletimos sobre as produções de Mc Cord (2009) e Guerra (2014) acerca do Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco à luz do conceito de Modernização discutido por Le Goff (1990) e Gati (2009). A sociedade recifense tinha como necessidade a modernização e desta derivou a criação do Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco. A fundação dessa instituição escolar marcou um novo momento na educação em Recife. Um ensino voltado para formação do ofício, influenciado pelo início da industrialização. O trabalho que era escravo, em breve, tornar-se-ia livre, mas precisava de mão de obra especializada para corresponder as necessidades da evolução industrial e demais inovações. E para atender a demanda da modernização da cidade, a união de esforços de três grandes protagonistas: o Governo, a elite comerciante e a Sociedade de Artistas Mecânicos e Liberais resultaram na construção do Liceu em Pernambuco. A modernidade trazia consigo a promessa de um novo tempo e a sociedade recife estaria consciente dessa necessidade de modernização? Refletimos assim os quatro elementos da tomada de consciência da modernidade: percepção da aceleração histórica; pressão dos progressos materiais sobre as mentalidades; choque exterior e, por fim, afirmação da modernidade.

**Palavras-chave:** Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco, Modernização, História da Educação.

## INTRODUÇÃO

O Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco foi inaugurado em 1880, fruto dos esforços conjuntos de um grupo de trabalhadores negros livres, – Sociedade de Artistas Mecânicos e Liberais – que, de acordo com Mac Cord (2009), lutavam pela valorização do trabalho manual, pelo reconhecimento de suas habilidades técnicas e artísticas e buscavam aperfeiçoamento

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, [eliciaguerra@hotmail.com](mailto:eliciaguerra@hotmail.com);

<sup>2</sup> Doutora pelo Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, [sena.belag@gmail.com](mailto:sena.belag@gmail.com);

<sup>3</sup> Doutorando do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, [consultoriaeducacional@gmail.com](mailto:consultoriaeducacional@gmail.com);

<sup>4</sup> Mestranda pelo Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, [natalia.gabrielasilva@hotmail.com](mailto:natalia.gabrielasilva@hotmail.com);

contínuo e mútuo de seus ofícios através de aulas noturnas; de uma elite comerciante, que se beneficiava com a profissionalização dos recifenses mais pobres e que louvava valores pregados pela Sociedade, como: amor ao trabalho mecânico, à inteligência e à precisão técnica; e do Governo, que assumia o desenvolvimento da instrução pública, sobretudo a de caráter profissionalizante, como bandeira política e também via na instrução pública a possibilidade de “moralizar” as classes mais baixas.

O Liceu surge em um contexto de grande efervescência social e política. A modernidade batia à porta. Todavia, o clamor – sobretudo das classes mais altas – pelo progresso, pela urbanização e pela industrialização esbarrava no atraso cultural, na ignorância e na falta de instrução das camadas populares. Difundir efetivamente o ensino se tornara um imperativo absoluto: manter a escola restrita às elites dominantes era um luxo ao qual ninguém poderia mais se dar.

O interesse nessa temática surge da necessidade de se ampliar os estudos sobre o caminho percorrido pelo Liceu nesse período histórico tão conturbado, marcado não somente pelas exigências específicas do capitalismo industrial, mas também pela abolição da escravatura (1888) e pela proclamação da república (1889).

O presente estudo teve como objetivo compreender, a partir de um resgate histórico, a influência desta instituição na formação do Recife do século XX e a importância dessa para a modernização da cidade.

Através de uma revisão de literatura, refletimos sobre as produções de Mc Cord (2009) e Guerra (2014) acerca do Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco à luz do conceito de Modernização discutido por Le Goff (1990) e Gati (2009).

As instituições escolares têm sido temas de pesquisas, atraindo pesquisadores, especialmente no âmbito da história da educação. Esse interesse também pode ser observado no interior do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mais especificamente dentro da linha de Teoria e História da Educação, da qual são oriundos os pesquisadores desse estudo.

Sobreleva dizer que as pesquisas sobre instituições escolares enfrentam muitos desafios em seus desenvolvimentos, principalmente no âmbito da investigação documental devido às precárias condições de preservação dos arquivos, fontes e acervos bem como armazenamento e manutenção das fontes.

Diante disso, o presente trabalho visa valorizar o resgate de parte da história por pesquisadores do Liceu de Pernambuco e que auxiliam produções como esta e futuros estudos

e trabalhos de pesquisa acerca da história da educação de Pernambuco, amenizando assim o já mencionado desafio no que diz respeito à obtenção de fontes primárias de informação.

Em suma, com essa produção acadêmica, esperamos contribuir para o desenvolvimento do tema em questão, possibilitando o aprofundamento do debate a fim de propiciar melhor compreensão histórica e, por conseguinte, melhor compreensão da realidade atual da Educação.

## **METODOLOGIA**

A construção desse artigo seguiu os parâmetros da abordagem qualitativa, comumente trabalhada nas Ciências Sociais uma vez que “ela trabalha o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2002, p. 21-22), ou seja, um conjunto de fenômenos humanos que é entendido como parte da realidade social.

A metodologia utilizada é de natureza básica e do tipo revisão de literatura por ter sido desenvolvida recolhendo

[...] informações documentais sobre os conhecimentos já acumulados acerca do tema da pesquisa. Literatura significa, nesta expressão, o conjunto de obras científicas, filosóficas, etc. sobre determinado assunto, matéria ou questão. É o mesmo que revisão bibliográfica (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 99).

Esse tipo de metodologia pode envolver a revisão de publicações como livros, teses, dissertações, artigos científicos e documentos oficiais que tratam do objeto de estudo, contudo, para esta pesquisa, em especial, as principais fontes foram livros teses e dissertações. A seguir, apresentamos os autores e obras que fundamentam essa discussão. No *Quadro 1* com a relação dos estudos sobre o Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco e no *Quadro 2* com a relação das obras que fundamentam a discussão acerca da modernização

**Quadro 1: Relação dos estudos de nossa análise sobre o Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco**

| <b>Título do estudo</b>  | <b>Autor (es)</b> | <b>Tipo de estudo</b> | <b>Ano de publicação</b> |
|--|-------------------|-----------------------|--------------------------|
| Andaimes, casacas, tijolos e livros: uma associação de artífices no Recife, 1836-1880. | MC CORD, Marcelo. | Tese                  | 2009                     |

|   |                       |             |      |
|---|-----------------------|-------------|------|
| O Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco em preto e branco (1871- 1881) | GUERRA, Elicia Barros | Dissertação | 2014 |
|---|-----------------------|-------------|------|

**Organização:** os autores (2020)

## **Quadro 2: Relação das obras que fundamentam a discussão acerca da modernização**

| <b>Título do estudo</b>  | <b>Autor (es)</b>      | <b>Tipo de estudo</b> | <b>Ano de publicação</b> |
|--|------------------------|-----------------------|--------------------------|
| História e Memória.  | LE GOFF, Jacques.      | Livro                 | 1990                     |
| A educação da mulher no Recife no final do século XIX: ensino normal e anúncios de progresso | GATI, Hajnalka Halász. | Tese                  | 2009                     |

**Organização:** os autores (2020)

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A história das Instituições Escolares é uma pequenina parte da história. (NASCIMENTO, 2007). Pequenina não pela falta de representatividade no campo da história, e sim pela sua potencialidade de ampliar as possibilidades de compreensão da História da Educação.

Essa possibilidade de compreensão da História da Educação através das instituições se dá pelo processo de resgate das fontes das instituições escolares e de escrever a história destas instituições. Esse resgate ganha significado na medida em que traz a expressão de sujeitos ou grupos sociais específicos, que representam um contexto histórico de determinada sociedade.

Segundo Nascimento (2007), a instituição escolar não é feita apenas de professores, alunos e métodos, embora eles sejam importantes. Ela se constitui a partir de interesses que identificam os marcos que são a identidade da sociedade. E é a partir de tais interesses que nascem relações de poder entre diversos setores e instituições socialmente atuantes a fim de que tal interesse possa ser atendido.

As instituições escolares que foram criadas acompanham o movimento e os interesses da sociedade, não sendo consideradas modelos prontos e acabados. Para Nascimento (2007) para satisfazer as necessidades humanas, as instituições são criadas como unidades em ação.

Assim, partimos do pressuposto de que a sociedade recifense tinha como necessidade a modernização e que desta derivou a criação do Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco. Contudo, dado que compreendemos que tal pressuposto não pode ser tomado como óbvio, passemos à análise do que efetivamente pode ser considerado, e do que definimos aqui, como “modernidade” e às evidências de que este era, de fato, um objetivo percorrido pela sociedade da época.

Mac Cord (2009), em sua pesquisa intitulada “*Andaimos, casacas, tijolos e livros: uma associação de artífices no Recife, 1836-1880*”, discute o processo de formação de uma associação de artífices que visava o fortalecimento e o reconhecimento de um grupo de artífices mecânicos e liberais proporcionando o aperfeiçoamento do ofício e a ajuda mútua de seus membros. No seu estudo o autor também analisa as transformações dessa entidade em diversas conjunturas políticas e sociais assim como a sua relação com a fundação do Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco.

Para Mac Cord (2009), esses operários especializados, com um discurso moderno, concederam a essa entidade em papel fundamental de agente político e pedagógico na cidade recifense. E com isso, realizar conquistas pessoais e ascender socialmente.

Essas conquistas estão atreladas a participação da Associação na fundação de uma instituição escolar com o intuito de fomentar a instrução popular, temática discutida intensamente naquela época, e a qualificação de mão de obra especializada. Essa mão de obra trata-se da população recentemente liberta e pobre, localizada na base da pirâmide social e que para as elites precisava ser moralizada e especializada para os trabalhos artesanais e agrícolas. A Associação de Artífices Mecânicos e Liberais ocupa um lugar privilegiado assumindo com comando administrativo e pedagógico nesse projeto instrução popular visto pela elite como de controle social.

A pedido de D. Pedro II, em virtude da vitória do Brasil na Guerra do Paraguai, as elites mobilizaram esforços para construção de uma instituição de ensino primário que teria maior utilidade pública do que uma estátua que rememorasse esse marco histórico. Assim, numa relação entre o governo, as elites comerciantes da época e da Sociedade de Artistas Mecânicos e Liberais foi construído o Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco.

Essa relação de poder envolvida na construção do Liceu é discutida por Guerra (2014) no seu estudo intitulado “*O Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco em preto e branco (1871-*

1881)”. Pertencente ao campo da história da educação, a pesquisa traz a história dessa instituição escolar ao analisar o contexto histórico da sua fundação a contribuição dessa instituição para a cidade do Recife.

A autora relata a troca de favores e interesses que envolveu o início do Liceu e a participação desses três atores que protagonizaram essa relação:

[...] o Governo disposto a desenvolver sua principal bandeira política através da difusão da instrução popular, a elite comerciante também interessada no processo de moralização e disciplinamento das classes populares e a Sociedade de Artistas Mecânicos e Liberais que no auge da crise, encontrou na administração do Liceu a oportunidade de se reestruturar (GUERRA, 2014, p. 10)

Uma escola profissionalizante do porte do Liceu de Artes e Ofícios poderia ajudar as elites letradas e proprietárias a controlar os processos de “moralização” dos recifenses mais pobres. Acerca dos artífices da Sociedade de Artes Mecânicas e Liberais, Mac Cord nos leva a entender os motivos que levaram à escolha dos mesmos para administração do Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco, segundo Mac Cord (2009, p. 18), “Forjados nos costumes corporativos, eles compartilhavam valores como orgulho, dignidade, precisão e inteligência, que moldavam suas vidas familiar, profissional, social e política”. É evidente a conveniência do ensino de tais valores aos recifenses mais pobres. Conveniência tanto para a Elite Comerciante que se beneficiava de valores como inteligência, precisão e visão romântica do trabalho manual quanto para o Governo que se beneficiava da noção de orgulho, dignidade, moral e bons costumes que também eram valores manifestados pelos artífices.

E assim percebemos que a Sociedade de Artes Mecânicas e Liberais logrou grande êxito em sua empreitada enquanto grupo de resistência. A mesma conseguiu não apenas o reconhecimento e distinção que desejava, mas também conseguiu participar da nova estrutura de poder que agora pregava não mais o discurso do desamor ao trabalho e virtude do ócio, mas sim o discurso completamente antagônico acerca da dignidade do trabalho e da negação do ócio.

Conforme apontam os autores, o Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco que foi fundado em 1880 na cidade do Recife, capital da Província de Pernambuco, teve seu prédio construído no Campo das Princesas (Figura 1), local de prestígio, situado próximo a importantes prédios do Governo. A pedra fundamental da sua construção foi colocada em 1871 e foi fato de grande repercussão na cidade.

**Figura 1: Campo das Princesas: Localização da Construção do Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco.**



**Fonte:** Mac Cord (2009)

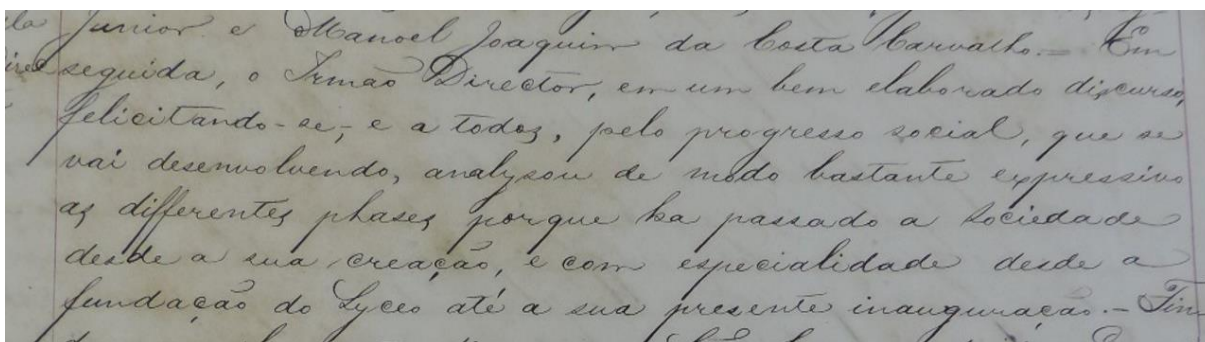
Ao retratar a notícia veiculada no Diário de Pernambuco acerca do assentamento da pedra fundamental da construção do prédio do Liceu a autora revela:

Podemos assim perceber a riqueza de detalhes na descrição do projeto do prédio que seria construído para abrigar o Liceu e destacamos assim o fato dessa informação ter sido divulgada num grande jornal de circulação da época, o que nos leva a compreender a importância dessa construção para sociedade (GUERRA, 2014, p. 83).

Apesar de satisfazer interesses de grupos específicos da alta sociedade, a fundação do Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco também marcou um novo momento na educação em Recife. Um ensino voltado para formação do ofício, influenciado pelo início da industrialização. O trabalho que era escravo, em breve, tornar-se-ia livre, mas precisava de mão

de obra especializada para corresponder as necessidades da evolução industrial e demais inovações.

**Figura 2: Trecho da Ata de inauguração do Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco que menciona o Progresso Social.**



**Fonte:** Guerra (2014)

De acordo com Guerra (2014, p. 89):

o trecho acima, trata-se de parte do discurso realizado pelo irmão Diretor, o Sr. Dr. Manoel Machado Portella onde o mesmo saúda a todos pelo progresso social a que estão sendo beneficiados, uma vez que o disciplinamento social através da instrução popular e do ensino profissionalizante desenvolvido na instituição inaugurada e através da construção, pelas elites letradas, de normas e costumes por meio de projetos pedagógicos representavam um grande potencial para o futuro da crescente população livre e desfavorecida devido a sua força de trabalho. O diretor do Liceu também ressaltou os momentos enfrentados pela Sociedade de Artistas Mecânicos e Liberais que tornou a desenvolver as suas atividades pedagógicas com mais afinco.

Acerca dessa importância da escola no processo de instrução da população, que tratou Manoel Portella em seu discurso por ocasião da inauguração do Liceu, também nos diz Mac Cord (2009, p. 275): “Uma escola profissionalizante do porte do Liceu de Artes e Ofícios poderia ajudar seus pares a controlar os processos de moralização dos recifenses mais pobres”

Acerca da modernidade Gati (2009, p 73-74) aponta:

A modernidade se baseou em crenças iluministas segundo as quais a Natureza pode ser transformada e o progresso social pode ser realizado através do desenvolvimento sistemático do entendimento científico e tecnológico e da sua aplicação racional à vida social e econômica. O projeto da modernidade representava um esforço intelectual extraordinário, por parte dos pensadores iluministas, para desenvolver a ciência objetiva, a moralidade, as leis universais e a arte autônoma [...] O domínio científico da natureza prometia a libertação em relação à penúria, à necessidade e à arbitrariedade das calamidades naturais. O desenvolvimento das formas racionais de organização social e dos modos racionais de pensamento prometiam a libertação em relação às irracionalidades dos mitos, da religião e da superstição, à utilização arbitrária do poder e ao lado negativo da natureza humana.



A modernidade trazia consigo a promessa de um novo tempo, um tempo no qual a fé seria superada pela razão; a tradicional tirania absolutista seria superada pelas nascentes democracias republicanas; a fome, a doença, a miséria e diversas outras mazelas que assolavam a humanidade pré-moderna seriam superadas pela ciência e tecnologia.

Mas estaria a sociedade recifense, ainda que apenas em parte, consciente do projeto e da necessidade de modernização? Em sua obra, *História e Memória*, Jacques Le Goff (1990) nos fornece os quatro elementos da tomada de consciência da modernidade. Tais elementos, conforme elencados, nos permite crer que havia consciência do processo de modernização, principalmente por parte das elites letradas.

#### Percepção da aceleração histórica:

O primeiro é a percepção daquilo que se passou a chamar, em certas épocas, a aceleração da história. Para que haja conflito entre modernos e antigos é, contudo, preciso que esta geração permita um conflito de gerações [...] A oposição antigo/moderno, que é um dos conflitos através dos quais as sociedades vivem as suas relações contraditórias com o passado, agudece-se sempre que se trata de lutar contra um passado recente, um presente sentido como passado, ou quando a querela dos antigos e modernos assume as proporções de um ajuste de contas entre pais e filhos (LE GOFF, 1990, p. 196).

Sobre as elites, diz Gati (2009, p 50): “Inspirados em conceitos e ideais trazidos da Europa, procuravam compreender e explicar o contexto brasileiro, ao mesmo tempo que buscavam, já, apresentar indícios de civilização, semelhanças com os países europeus.” Tais grupos instruídos vivenciaram profundamente a antítese entre esses dois mundos. De um lado, o progresso, a alta cultura, a riqueza e a industrialização que eram marcantes nos países europeus, e do outro, o atraso, a ignorância, a miséria e o desemprego característicos do Brasil. Simbolizando esta dicotomia, bem como o desejo de “imitar” o modelo europeu, Matos (1987, p 126) diz que: “fundadores e consolidadores do Império do Brasil tinham os olhos na Europa e os pés na América [...]”. Obviamente tal característica não se limitava aos fundadores e consolidadores do Império do Brasil, mas também, e quiçá mais profundamente, aos seus opositores, ou seja, os liberais.

As principais revoltas ocorridas no período imperial eram encabeçadas por liberais instruídos e que, muitas das vezes, tinham contato com o mundo europeu e eram diretamente influenciados pelas correntes iluministas do velho continente.

#### Pressão dos progressos materiais sobre as mentalidades:

O segundo elemento é a pressão que os progressos materiais exercem sobre as mentalidades contribuindo para transforma-las. As mudanças de mentalidade raramente são bruscas e situam-se, em primeiro lugar, no plano das próprias

mentalidades. O que muda é a estrutura mental. A tomada de consciência da modernidade exprime-se, muitas vezes, pela afirmação da razão – ou da racionalidade – contra a autoridade ou a tradição [...] A "revolução" tecnológica dos séculos XII e XIII, a ciência do século XVII, as invenções e a revolução industrial do século XIX, a revolução atômica da segunda metade do século XX são, porém, estimulantes da tomada de consciência da modernidade, cuja ação deveríamos estudar de perto (LE GOFF, 1990, p. 196 e 197).

Os conflitos, revoltas e lutas ocorridas no século XIX exemplificam bem a insurreição contra a autoridade e a tradição em vigor. Tomando-se por base a província de Pernambuco, Gati (2009, p 49) diz que “entre 1831 e 1841, das dez rebeliões registradas só no período regencial, metade ocorreu em Pernambuco”. E posteriormente salienta que “Essas rebeldias não se relacionavam apenas ao mundo das ideias e dos anseios de liberdade política, mas tinham também fortes aspirações de progresso e modernização[...]” (Idem).

Entretanto, percebe-se que a mudança de mentalidade não é brusca porquanto, de modo geral, não absorve a totalidade do ideário liberal europeu. Como alerta Gati (2009, p 56) “[...] a modernização que pretendiam era aquela que significasse aumento de produtividade, com máquinas, ferrovias, luz elétrica, saneamento, bancos e não a difusão de ideias de liberdade e igualdade[...]”. A difusão de tais ideais não eram, portanto, o objetivo das camadas letradas, sobretudo no que concerne aos escravos. Afinal àquela altura era inconcebível para estas camadas que o desenvolvimento do Império recém-formado prescindisse da utilização da mão de obra escrava. De acordo com Costa (1999, p 30): “As camadas senhoriais empenhadas em conquistar e garantir a liberdade de comércio e a autonomia administrativa e judiciária não estavam, no entanto, dispostas a renunciar ao latifúndio ou à propriedade escrava.”

Nesse sentido, é possível verificar na história de Recife o empenho das camadas senhoriais na profissionalização dos mais pobres de modo que, quando instadas a apoiar a construção do palacete que abrigaria o do Liceu de Artes e Ofícios, tanto o Barão do Livramento quanto a Associação Comercial Beneficente doaram quantias bastante significativas, segundo Souza (2019), o primeiro doou mais de catorze contos de réis enquanto a Associação contribuiu com mais dez contos de réis.

#### Choque exterior:

Em certos casos um choque exterior ajuda a tomada de consciência. A filosofia grega e as obras dos pensadores árabes alimentaram a tomada de consciência modernista dos escolásticos medievais; se não a desencadearam, as técnicas e o pensamento ocidental criaram o conflito antigo/moderno nas sociedades não-europeias[...] (LE GOFF, 1990, p. 197).

No Brasil a tomada de consciência foi amplamente alimentada e mesmo, talvez, desencadeada pelo contato com o modelo Europeu que sempre despertou fascínio e admiração

nas colônias e regiões com recente histórico de emancipação política. Segundo Gati (2009, p 43), “[...] a influência da Europa, exercida no século XIX por múltiplos caminhos, fez uso de formas muito diversas e estendeu-se a todo o mundo, mudando efetivamente a fisionomia do globo, em todos os aspectos da vida coletiva.”

Afirmção da modernidade:

Finalmente, a afirmação de modernidade, mesmo que ultrapasse o domínio da cultura, refere-se antes de mais nada a um meio restrito, de intelectuais e tecnocratas. Fenômeno da tomada de consciência de um progresso, por vezes contemporânea da democratização da vida social e política, a modernidade mantém-se no plano da elaboração, de uma elite, de grupos, de capelas (LE GOFF, 1990, p. 197).

Muito embora seja patente a percepção que as camadas sociais mais altas tinham da precariedade e do atraso do país em relação às grandes nações do Velho Mundo vale salientar que tal percepção não era compartilhada pela sociedade como um todo. Pois enquanto as elites tinham contato com todo o conjunto de ideologias que constitui o que se convencionou chamar de modernismo, a maioria da população, analfabeta e inculta, não tomou conhecimento das novas ideias.

Conforme dito por Freyre (1985, p 51): “O Brasil dos meados do século XIX não era só constituído de vários Brasis, regionalmente diversos: também por vários e diversos Brasis quanto ao tempo ou à época vivida por diferentes grupos da população brasileira.”

De acordo com Gati (2009, p 139): “[...] o desejo de modernização, no Brasil, esbarrava com um grande obstáculo: o atraso cultural [...]”. E ainda, em outro momento, diz (2009, p 43): “Contudo, para se ter acesso ao progresso (não só em sua face econômica, mas com um componente social e simbólico), desde a Revolução Francesa, uma condição será considerada indispensável: a instrução do povo”.

Para nos aprofundarmos na relação entre modernidade e instrução popular vejamos como se deu o início do processo de modernização na cidade de Recife.

Um dos primeiros anúncios de modernização que atingiu o Recife, agora uma “cidade-capital”, deu-se durante a administração de Francisco Rego Barros, presidente da Província de Pernambuco entre 1837 e 1844. Tendo estudado em Paris, trouxe de lá não só as ideias para desencadear uma onda de progresso em Pernambuco, mas trouxe também trabalhadores, operários especializados e artesãos [...] (GATI, 2009, p 52).

Rego Barros foi responsável por grandes obras como o Teatro de Santa Isabel; A Ponte Pênsil da Caxangá; o Palácio Presidencial; a Penitenciária Nova, cujo prédio hoje abriga a Casa da Cultura; reconstrução das pontes Santa Isabel, Maurício de Nassau e Boa Vista, o Cemitério

de Santo Amaro e também diversas estradas que visavam escoar a produção açucareira, além de projetos de instalação de gás, iluminação pública e um sistema de abastecimento de água potável.

Conjuntamente aos seus esforços para modernizar e urbanizar a cidade de Recife, Rego Barros também se notabilizou pelo seu profundo interesse em difundir a instrução primária. O mesmo chegou até mesmo ao ponto de sugerir a obrigatoriedade da instrução. O mesmo acreditava:

[...] que se deveria obrigar a quaisquer pessoas, pais, tutores, curadores, ou amos a dar nas escolas públicas, particulares ou em casas uma instrução suficiente a seus filhos, pupilos ou criados desde a idade de 7 anos até 14 completos, sob pena de pagarem certa multa para os gastos da instrução primária, e bem assim a não retirá-los da escola senão em certos casos, depois de terem feito exame em que saíssem aprovados (MOACYR apud LUZ, 2008, p. 80).

A instrução consistia, em grande parte, na profissionalização e capacitação para o trabalho. Conforme nos mostra Costa (2013, p 30):

Instruir “todas as classes” era, pois, o ato de difusão das Luzes que possibilitaria romper as trevas que caracterizavam o passado colonial. Mas da Instrução Pública esperava-se também a combinação com o trabalho, pois bons frutos resultariam. Essa educação voltada para o trabalho permitiria aos filhos de pais pobres ou às crianças expostas, sem família, habilitarem-se num ofício mecânico. Isso daria a essa população o hábito do trabalho e um emprego, tornando-os assim cidadãos úteis e pacíficos.

Segundo Almeida Oliveira (1874, p. 51) apud Gati (2009, p.139), “O Brasil é infeliz porque não trabalha, e não trabalha porque é ignorante [...]. A ignorância em que vivemos é sobremodo vergonhosa quer para a nação em geral, quer para cada província em particular”.

Entretanto o século XIX ainda tinha por característica a desvalorização do trabalho. Todas as camadas, mesmo as mais pobres, queriam se livrar da desonra causada pela prática de um ofício característico dos escravos, o trabalho físico.

[...] o trabalho físico estava associado à escravidão e a questões morais, as artes mecânicas ficaram ainda mais estigmatizadas, especialmente nas regiões em que abundava a mão de obra cativa. Para reforçar a ideologia senhorial de que havia uma relação direta entre punição e trabalho, o ócio era um dos principais valores culturais que distanciavam o homem livre do cativo (MAC CORD, 2009, p 18).

Talvez até mesmo esta característica da população da época tenha motivado Rego Barros a recorrer a artífices estrangeiros a fim de executarem as obras que o mesmo se propunha a realizar durante sua gestão. De acordo com Luz (2008), Rego Barros determinou que o

encarregado de engajar companhias de artífices e trabalhadores estrangeiros viajasse à Suíça, França, Bélgica, Holanda ou Alemanha para contratar obreiros dado que reconhecia como impossível a organização companhias de trabalhadores especializados dentro do Império.

Porém, simultaneamente à gestão de Rego Barros, preocupados com o avanço do crescente domínio estrangeiro nos ofícios mecânicos, buscando o aperfeiçoamento de seu trabalho e práticas de auxílio-mútuo um grupo de mestres carpinteiros e pedreiros se uniram para fundar a Sociedade de Artes Mecânicas e Liberais. Organização esta que adquiriria grande importância dentro da história do Recife e que futuramente viria a administrar o Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando tudo o que foi exposto nesse estudo, reafirmamos a posição de que havia a consciência e a necessidade da modernização e foi para atender tal necessidade que três atores fundamentais – Sociedade de Artistas Mecânicos e Liberais, Elite Comerciante e Governo – se uniram para fundar o Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco.

A pedra fundamental do edifício foi colocada em 1871 e fato por uma grande repercussão na cidade. Um período consideravelmente longo se passou desde o assentamento da pedra fundamental até a fim da construção do edifício, o que nos leva a perceber, mesmo antes de confirmar através das pesquisas em documentos da época, que a construção aconteceu com muita dificuldade. Confirmação essa que tivemos ao analisarmos algumas atas de assembleias ordinárias e extraordinárias da Sociedade de Artistas Mecânicos e Liberais que datavam dos anos de 1875 e 1876, onde foram relatadas dificuldades para arrecadação de fundos para dar continuidade à construção já iniciada do Liceu e o esforço da Sociedade para encontrar alternativas para arrecadar verbas para essa finalidade.

Muitas reuniões ordinárias e extraordinárias foram realizadas pela Assembleia Geral da Sociedade de Artistas tentando achar soluções para enfrentar os obstáculos da construção do Liceu, mas apesar das dificuldades, nove anos após o assentamento da pedra fundamental, a inauguração aconteceu e foi escolhida uma data memorável para a Sociedade que naquele dia completaria mais um ano de fundação, 21 de novembro de 1880.

O Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco foi fundado em 1880 na cidade do Recife, capital da Província de Pernambuco. Seu palacete foi construído no Campo das Princesas, considerado local de prestígio, situado próximo a importantes prédios do Governo. Apesar de satisfazer interesses de grupos específicos da alta sociedade, a fundação do Liceu de Artes e

Ofícios de Pernambuco também marcou um novo momento na educação em Recife. Um ensino voltado para formação do ofício, influenciado pelo início da industrialização. O trabalho que era escravo, em breve, tornar-se-ia livre, mas precisava de mão de obra especializada para corresponder as necessidades da evolução industrial e demais inovações.

De acordo com Guerra (2014), em 1881, primeiro ano de funcionamento, foram registradas as matrículas de 871 alunos, um número bastante significativo, haja vista sobretudo que nos anos de 1882 a 1885, a quantidade de alunos matriculados variava entre 376 e 495.

Dentre os alunos matriculados no ano de 1881, 846 eram de nacionalidade brasileira, enquanto apenas 25 eram advindos de outros países. Quanto a ocupação destes, 235 eram artistas, 518 profissionais e 118 ainda não possuíam ofício.

Com relação a profissão, os alunos mais novos eram denominados apenas de Estudantes, por não terem um ofício, mas dentre os que já trabalhavam encontramos serralheiros, fotógrafos, empregados públicos, marceneiros, músicos, desenhistas, pintores, alfaiates, comerciantes, tipógrafos, ourives, caixeiros, caldeireiros, dentre outras profissões. E as disciplinas matriculadas eram: desenho linear, desenho de figuras, desenho, aritmética, álgebra, geometria, taquigrafia, música, geografia, português, latim, francês, inglês e também curso preparatório.

Através dos exemplos acima expostos podemos perceber que o Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco teve como finalidade a formação artística e técnica e a aplicação destas aos ofícios e à indústria, sendo assim direcionados à profissionalização das camadas populares.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. 6.ed. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

FREYRE, Gilberto de Mello, **Vida social no Brasil nos meados do século XIX**. 3. ed. Recife, PE: Massangana; Fundação Joaquim Nabuco, 1985.

GATI, Hajnalka Halász. **A educação da mulher no Recife no final do século XIX: ensino normal e anúncios de progresso**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação, Recife, 2009.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2009.

GUERRA, Elicia Barros Guerra. **O Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco em preto e branco (1871-1881)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação, Recife, 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas/SP: UNICAMP, 1990.

LUZ, Itacir Marques da. **Profissionais negros entre instrução e ofício no Recife (1840-1860)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

MAC CORD, Marcelo. **Andaimos, casacas, tijolos e livros: uma associação de artífices no Recife, 1836-1880**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. SP:[s. n.], 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. (Coleção temas sociais).

NASCIMENTO, M. I. M. [et al] **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica (orgs.)** – Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Sorocaba, SP: UNISO; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007.

SOUZA, Elicia. Barros. Guerra. **História da Fundação do Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco: as construtivas relações entre uma associação de artífices, uma elite comerciante e a classe política**. In: José Luis Simões; Hercília Melo do Nascimento. (Org.). Pesquisas em teoria e história da educação. 2ed. Recife: Liceu, 2019, v. , p. 57-72.